



“A AULA TÁ DIFERENTE”: EXPERIÊNCIAS DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PRIVADA NO MODELO DE AULAS REMOTAS

“The class is different”: teenager’s experiences from a private school applying remote class model

Bruna Tavares Pimentel

Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais, mestra pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e pós-graduanda em Gênero e Diversidade na Escola (GDE/CE- NIPAM) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

Email: bruna.t.pimentel@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.142-149, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

A pandemia causada pelo novo coronavírus (covid-19) implicou em mudanças na vida cotidiana das relações humanas, inclusive, no âmbito escolar. A suspensão das atividades presenciais nas instituições educacionais e a implementação do ensino remoto na rede básica mobilizou estudantes e professores a embarcarem nessa nova dinâmica de ensino e aprendizagem. Enquanto professora, acompanhei o processo de implementação das aulas remotas em uma instituição de ensino privado no estado da Paraíba. Nesse percurso, com a observação participante *at home* e aplicação de questionário *online* através da plataforma *Google Forms*, busquei compreender a experiências dos alunos no modelo de aulas remotas. Durante a pesquisa as opiniões dos estudantes apontam para um ponto de intersecção; por mais que a experiência atual seja “descomplicada”, as questões como distração e a mobilização de sentimentos como insegurança são acionados com mais facilidade, por isso as aulas presenciais são mais produtivas.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19. Coronavírus. Aulas remotas. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT:

A pandemic caused by the new coronavirus (COVID-19) implied changes in the daily life of human relationships, including those with no education. The suspension of face-to-face activities in educational institutions and the implementation of remote teaching in the basic network mobilized students and teachers to embark on this new teaching and learning activity. As a teacher, one of the authors follows the process of implementing remote classes in a private educational institution in the State of Paraíba. Along this path, with participant observation at home and applying an online questionnaire through the *Google Forms* platform, we seek to understand students' experiences in the model of remote classes. During a search like opinions of students pointed to an intersection point; for more than the current experience is “uncomplicated” as issues such as distraction and mobilization as collateral feelings are triggered more easily, so as attending lectures are more productive.

KEYWORDS:

Covid-19. Coronavirus. Remote classes. Teaching and learning.



“Tá diferente”, o *meme*¹ que viralizou em 2019 e continua sendo usado pelos adolescentes em 2020 para falar sobre mudanças. Em tempos de pandemia causada pelo novo coronavírus (responsável pela doença covid-19), é inegável que, até para os jovens, algo mudou. A sociedade, como um todo, readaptou as relações sociais através das medidas de distanciamento social para evitar a propagação do vírus e conter o colapso do sistema de saúde.

No Brasil, as redes de ensino (público e privado) impulsionaram professores e alunos a mudarem rotina no âmbito escolar com suspensão ou substituição das aulas presenciais por aulas remotas, como maneira de cumprir com a carga horária prevista no calendário escolar. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para Educação Básica, o mínimo estabelecido são 200 dias letivos, porém essa carga se altera com a Medida Provisória n. 934/2020 de abril de 2020, tendo em vista o contexto, para que sejam cumpridas pelo menos as 800 horas anuais.

Nesse contexto, ampliaram-se as desigualdades existentes em diversos setores da sociedade. A educação se mostrou um campo diretamente afetado com as mudanças impostas que se fizeram emergentes, escancarando o abismo entre o ensino público e o privado e as condições desiguais de acesso dos estudantes brasileiros. Dentre os problemas que envolvem a precariedade das condições de ensino público, destacam-se a acessibilidade à internet, a equipamentos tecnológicos e a ambientes de estudo. As aulas, inicialmente interrompidas, tornaram-se inexistentes, algumas escolas e professores, numa tentativa de auxílio, passaram a gravar e exibir conteúdo em vídeos curtos, mas não havendo muita possibilidade de desenvolvimento junto às turmas.

Na condição de professora de Sociologia de uma instituição de ensino privada em João Pessoa-PB, acompanhei o processo de transição para o ensino remoto. A mudança de aulas presenciais para aulas remotas acarretou modificações para os alunos, professores, coordenação, direção e todos que compõem a escola. Uma das primeiras modificações observadas foi em relação à hora de aula, que quando pre-

¹ O termo *meme* se refere a imagens, *Graphics Interchange Format* (GIF), expressões voltadas ao humor que se propagam via internet. A expressão “Tá diferente” é uma gíria de origem incerta, que viralizou nas redes sociais em meados de 2019, significando a comparação de algo não está igual como um dia foi conhecido.



sencial era de 50 minutos, e após a mudança para as aulas remotas através do *Windows Teams*², passaram a ser de 25 minutos durante duas semanas de adaptação e, posteriormente, de 35 minutos. A adaptação demonstrou ser mais rápida e espontânea para os alunos, tanto que nas primeiras aulas foi observado que estes, em alguns momentos, “ensinavam” ou “alertavam” os professores sobre o uso do programa.

Acompanhar esse cenário impulsionou diversas inquietações referentes ao aprendizado dos conteúdos por parte dos alunos. Por isso, para compreender como está sendo a experiência de estudar nesse novo modelo de aulas remotas, por parte dos alunos, foi realizada uma pesquisa exploratória através de uma observação *at home* (BESERRA; LAVERGNE, 2016) e aplicação de questionário *online* através da plataforma *Google Forms*³.

A observação *at home*, realizada pela autora que atua como professora, trata-se de um conceito desenvolvido por Beserra e Lavergne (2016) para falar de sua experiência em realizar uma pesquisa em ambiente familiar, desenvolvida no espaço que trabalha: “[...] a ideia de familiar invoca a pesquisa desenvolvida no mesmo espaço em que também trabalha o pesquisador [...]” (BESERRA; LAVERGNE, 2016, p. 74).

No questionário elaborado e disponibilizado de forma *online* para os alunos através da plataforma *Google Forms*, foram formuladas questões de múltipla escolha para mapear o perfil dos estudantes e questões abertas para que os mesmos falassem sobre suas experiências no uso das novas tecnologias como forma de aprendizagem na implementação do formato de aulas remotas.

ENSINAR E APRENDER: A INVERSÃO DOS MOLDES OPERACIONAIS ESCOLARES

A escola se constitui como um espaço de interações afetivas e simbólicas, relacionadas principalmente ao contexto social dos indivíduos. O campo de pesquisa foi uma escola privada e tradicional de um bairro popular de João Pessoa/PB. O delineamento do estudo contemplou 30 participantes, estudantes dos três anos do nível médio, com idade entre 14 a 18 anos.

² Plataforma de videoconferência adotada pela escola para ministrar as aulas remotas.

³ Aplicativo que permite a aplicação de formulários *online*.



Durante dois meses de aulas pelo *Windows Teams*, foi observado que o número de alunos faltosos aumentou e a interação durante as aulas diminuiu. Na busca para compreender esses acontecimentos, a pesquisa indagou, inicialmente, a questão do acesso e mostrou que todos os alunos participantes têm acesso à internet em casa e utilizam como dispositivos de acesso, em sua maioria, *desktop/notebook* e celulares *smartphones*.

Porém, mesmo tendo acesso às aulas e aos dispositivos tecnológicos, uma problemática apontada pelos alunos foi a falta de microfones, o que impossibilita a interação durante as aulas, ou seja, alguns alunos conseguem ouvir as aulas, mas não conseguem tirar dúvidas de forma oral em tempo real. Para isso, a ferramenta utilizada pela escola dispõe de *chat* que pode funcionar como canal de conversa diretamente com o professor, mas essa ferramenta quase não é utilizada pelos alunos. Nas aulas de sociologia, durante um mês de aula (5 aulas de Sociologia em cada turma do ensino médio, que somam 99 alunos), apenas 3 alunos entraram em contato através do *chat*.

Ao problematizar esse cenário e refletindo sobre as respostas dos alunos ao questionário aplicado, uma das causas pontuadas por eles é a falta de concentração. Segundo alguns estudantes, o quarto é o lugar mais calmo da casa e por esse motivo escolhem esse espaço para a nova rotina escolar estabelecida, mas ainda segundo eles, o quarto propicia distrações, pelas fotos dos ídolos e o fácil acesso a instrumentos de entretenimento, como relatam:

Acredito que, por não estarmos em um ambiente escolar, dificulta um pouco, se em sala de aula já nos distraímos e perdemos o foco, imagina em nossas residências! Para mim, não está surtindo efeito, não consigo me interessar, não consigo prestar atenção, nem ter motivação para nada. Não consigo me concentrar e nem me estabelecer para nenhuma rotina, durmo durante o dia e passo a noite acordada, as três refeições básicas se tornam apenas uma. (Estudante, 18 anos, cursando o 3º ano do ensino médio).
O único lugar da minha casa onde é mais tranquilo para ver as aulas é no meu quarto e esse lugar é cheio de fotos dos meus ídolos, então eu me distraio muito, para onde eu olhar tem uma foto do CNCO, todo canto (Estudante, 15 anos, cursando o 1º ano do ensino médio).

A descontinuidade da rotina no espaço escolar, entrelaçada às restrições provenientes da pandemia pela covid-19, e atravessada pelo acesso facilitado aos dispositivos de entretenimento, implica em mudanças nos horários que os alunos dedicam



aos estudos. A ausência do gerenciamento do tempo por partes desses jovens, em meio ao contexto que estamos vivendo, vislumbra um norte sobre como a falta de concentração nas aulas repercute na ausência de dúvidas e debates nas salas virtuais, que conseqüentemente impacta na aprendizagem.

A falta de concentração está atrelada ao ambiente, no caso, a casa dos alunos, e a questões emocionais como o medo, ansiedade, desmotivação, nervosismo, tédio, entre outros citados, que têm prejudicado o desempenho escolar. A internalização de sentimentos relativos à falta de socialização, propiciadas pelo ambiente escolar, desencadeia insegurança em relação ao ano letivo e à aprendizagem, como afirma um dos estudantes:

Tenho medo de perder o ano e olha que eu sempre tirei notas boas e nunca fiz uma recuperação, mas estou ficando com medo desse ano. Uma coisa ruim dessas aulas é que às vezes trava bastante e as provas também. Eu tive que fazer uma prova *online* e não consegui porque fiquei muito nervosa (Estudante, 16 anos, cursando o 2º ano do ensino médio).

O processo de transição permeia algumas fases descritas pelos alunos. Inicialmente o modelo adotado tinha o potencial para ser “fácil e produtivo”, segundo as narrativas, por ser de fácil manuseio. Mas ao longo da jornada das aulas, durante os dias, a fórmula se mostra cansativa e pouco dinâmica. A falta de motivação é recorrentemente utilizada como um dos argumentos para a ineficácia dos seus estudos.

Diante das observações e das respostas obtidas, sejam positivas ou negativas, o fato é que quando se refere ao aprendizado, todos concordam que as aulas presenciais são mais produtivas. Nesse sentido, o que é evidenciado, de maneira latente, são as diversas interpretações a respeito do modelo adotado não somente pelos pesquisadores da área, como para alunos que vivenciam essa experiência.

APONTAMENTOS FINAIS (CIRCUNSTANCIAIS)

As tecnologias têm auxiliado em diversas esferas sociais e quando se trata da educação, têm se tornado uma ferramenta essencial. As pesquisas relacionadas com a internet se fortaleceram na contemporaneidade e se tornaram um eixo fundamental para entender as dinâmicas formadas nesse período. A possibilidade, até então



utópica, sobre a materialização das relações humanas inteiramente dependentes das redes de comunicação *online*, representa as transformações de como nos relacionamos com o trabalho, como a ascensão do “*home office*”⁴, assim como revelam a desigualdade histórica de acesso aos bens de consumo por certas camadas da população, principalmente, no âmbito educacional.

As maneiras como aprendemos e ensinamos são ajustadas neste momento. De maneira sutil ou não – como a rigidez dos cuidados de higiene, ou os calçados encarrilhados nas portas dos apartamentos evitando o contato com o mundo externo –, somos impulsionados a continuarmos a busca da normalidade. O cálculo dos prazos e calendário a cumprir desconsidera a empatia aos diversos sentimentos invocados nesse momento, por vezes contraditórios, em nome da regularidade diante do imprevisível.

O fato é que algo mudou.

Não sei ao certo, às vezes acho que a ficha ainda nem caiu... É um momento difícil para todos, dá saudade do **toque humano**, da convivência, de viver sem essa pressão toda (Estudante, 15 anos, cursando o 1º ano do ensino médio).

⁴ Boltanski e Chiapello (2009), em “O novo espírito do capitalismo”, apontam as novas dinâmicas no mundo do trabalho. As práticas empresariais atuais incentivaram a flexibilidade das relações de trabalho, aumentando o número de subempregos com remuneração baixa e contratos temporários. O “*Home Office*”, como método de emprego desse novo sistema capitalista, tornou-se uma expressão para designar “escritório em casa”, exercido por profissionais que trabalham em diferentes empresas ou, ainda, guiam seus trabalhos por projetos.



REFERÊNCIAS

BESERRA, Bernadete de Lourdes Ramos; LAVERGNE, Rémi Fernand. Etnografando a Sala de Aula: contribuições da antropologia à formação de professores. **Anthropológicas**, Recife, v. 1, n. 27, p. 72-101, jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/19499>. Acesso em: 29 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CHIAPELLO, Ève; BOLTANSKI, Luc. **O novo espírito do capitalismo**. Santos: Martins Fontes, 2009. 704 p.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 06/10/2020

